



A filosofia da história começou a ser verdadeiramente considerada no período que se inicia com a publicação, em 1784, da primeira parte das *Ideias para uma História Filosófica da Humanidade*, de Herder, e culminou com o aparecimento da obra póstuma de Hegel, *Conferências sobre a Filosofia da História*, em 1837. O grande objectivo desse estudo era trazer à luz do dia, a textura interna da história, a qual permitiria decifrar o enigma do sentido da realidade histórica. Na sua *Ideia de uma História Universal sob o Ponto de Vista Cosmopolita*, de 1784, Kant não só estimulou a procura da interpretação racional da história, como também defendeu a ideia de que ela deveria ser escrita sob o prisma de ‘uma história universal geral’, que abarcasse todo o tempo e toda a humanidade.

Essa ambição correspondia aos tempos iluministas, quando se desenvolveu o espírito cosmopolita, fazendo com que fossem superados os muros medievais em que o pensamento estava até então contido. Os objectivos de Kant e Hegel eram o de chegar a um entendimento do curso da história como um *todo*; mostrar que apesar de muitas inconseqüências que apresentava, a história podia ser considerada como uma unidade que compreendia um plano geral, isto é, que esclareceria o curso detalhado dos acontecimentos ao mesmo tempo que nos permitiria compreender racionalmente o processo histórico, o seu sentido.

Em 1918, **Oswald Spengler** publicou a sua obra *A Decadência do Ocidente* (*Der Untergang des Abendlandes*), onde elabora uma teoria cíclica das culturas e das civilizações, pela crítica radical de toda a ideia de progresso e onde visa determinar morfologicamente a estrutura da época ‘actual’, segundo ele, a que tem lugar a partir de 1800 e que será projectada até 2000/2200. A questão fundamental que aflora é o real significado da história. Neste sentido, a decadência ocidental significava o verdadeiro problema da civilização. Da sua visão pessimista, crítica da linearidade histórica, haverão de germinar as perspectivas mais contemporâneas de afirmação de uma ‘crise geral’, propiciadoras de mudanças aceleradas e contínuas no mundo contemporâneo e hipermoderno, traduzidas na ‘consciência de alienação’, nas ‘vagas de mudança’ e na ‘sociedade do hiperconsumo’.

Onde os outros descobriam sinais de optimismo e progresso, Spengler antevê sinais de pessimismo e decadência - a consumação do destino inexorável das culturas vivas - sendo este um dos aspectos mais marcantes da singularidade da filosofia da história e da cultura spenglerianas. Os prognósticos da decadência histórica da civilização ocidental feitos por Spengler, essa 'filosofia a-filosófica do futuro, a última do ocidente europeu', em tons antecipatórios e quase proféticos, são hoje demasiado evidentes. Não seria necessário relembrar a degradação cultural, a emergência e rebeldia das massas, a alienação publicitária, a ruptura e descredibilização das instituições políticas, a degradação da vida política e dos partidos políticos, a conversão da política em romances e folhetins jornalísticos, o domínio da propaganda e do sensacionalismo, a aparição de despotismos militares e totalitarismos diversos, a identificação entre a democracia (interesses políticos) e ditadura do dinheiro (interesses económicos), a corrupção, enfim, um período de declínio generalizado em que *'o intelecto pensa (e) o dinheiro dirige'*, como afirmava o pensador alemão. São muitos, pois, os sintomas de degenerescência orgânica da nossa cultura. A vida, realidade nuclear subjacente à ideia de pós-Modernidade, que caracterizou a nova fisionomia das sociedades ocidentais modernas a partir do final dos anos setenta, ficou marcada pela falência e ruptura das grandes utopias e pelo desenvolvimento de uma nova cultura individualista centrada no presente. O tempo presente, isto é, a hipermodernidade, privilegia a autonomia individual, o consumismo e o hedonismo.

Pode-se dizer de um modo simples, que Spengler e Ortega conseguem decifrar com um notável *espírito projectivo*, de modos diversos mas complementares, o primeiro na sua tão conhecida *A Decadência do Ocidente*, o segundo em *La Rebelión de las Masas*, os sinais da Contemporaneidade, recuperando temáticas como a história, a cultura, a vida, a massificação, a alienação, a autenticidade, o hedonismo e o niilismo contemporâneos. Aquilo a que na segunda metade do século XX havia sido chamado a 'rebelião das massas', quer no mundo ocidental, quer a leste, passa a ser agora e globalmente, em pleno século XXI, dominado pela superabundância da técnica, apelidado de *'rebelião do virtual'*. Onde antes se falava de Conhecimento, fala-se agora de Divertimento. Onde antes imperava a busca da Verdade, visamos agora a Moda e o Consumo. Onde outrora se divinizava a 'cultura espiritual' do Livro, agora banalizou-se a 'cultura material' do Ecrã. Hoje, o imperativo de 'ecrã-comunicação' absolutizou-se na profusão de espectáculos multiplex, tecnificando o indivíduo e normalizando o indivíduo em esquemas de padronização de atitudes, hábitos e condutas!

"Uma filosofia da Cultura prospectiva da hipermodernidade" visa, pois, *compreender e reflectir criticamente a crise histórico-cultural da hipermodernidade*, à luz de dois paradigmas filosóficos do século XX (Spengler e Ortega), os quais devem ser entendidos na lógica directa das suas respectivas influências.